

Pomares e jardins das fazendas de café: Serra da Bocaina no Vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira no Sul de Minas

Eneida Carvalho Ferraz Cruz



Arquiteta e Urbanista. Técnica em Arquitetura do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Minas Gerais. Varginha [Minas Gerais], Brasil. <eneida_carvalhoferrazcruz@yahoo.com.br>.

CONPADRE'2010. Apresentado no 5º Seminário de Arquitetura Rural [Conpadre n.01/2010]. Conferência Internacional sobre Patrimônio e Desenvolvimento Regional. Campinas e Jaguariúna [Brasil], 2010.

Resumo

Esse artigo pretende mostrar as formas de agenciamento do espaço exterior e do entorno imediato das casas de fazenda nas regiões da serra da Mantiqueira no sul de Minas Gerais, e na serra da Bocaina no Vale do Paraíba paulista. Os exemplos foram colhidos nos municípios de Cristina, Delfim Moreira, Dom Viçoso, Piranguçu, Wenceslau Brás e Carmo de Minas, em Minas e São José do Barreiro, Bananal e Areias, em São Paulo. Desdobramento do Inventário de Conhecimento do Patrimônio Rural, realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 2007, tendo como objeto o levantamento das fazendas produtoras de café, o presente artigo discorre sobre o ambiente rural provedor de frutas e flores no entorno imediato da casa sede, mas não entra no mérito das lavouras propriamente ditas. A organização desses espaços mostra o modo de se construir o paisagismo, como parte do processo de apropriação do território e introdução de novos hábitos. Nesse contexto, apresenta principalmente os pomares e jardins das casas-sede da fazenda, com ênfase para a implantação dentro do núcleo da fazenda. Ao estudá-los e procurar conhecer os modos de uso do espaço rural, o texto aponta para o reconhecimento e valorização do patrimônio, dos hábitos e herança cultural.

Palavras-chave

Patrimônio rural, fazendas, pomares e jardins.

Orchards and gardens in coffee farms: Serra da Bocaina in the Paraíba Valley and Serra da Mantiqueira in southern Minas Gerais State, Brazil

Abstract

This article intends to show shapes of outer space agency and the immediate surroundings of the farm houses in the regions of the Mantiqueira range in southern Minas Gerais, and in Bocaina the Vale do Paraíba. The samples were collected in the municipalities of Cristina, Delfim Moreira, Don Viçoso, Piranguçu, Wenceslau Brás and Carmo de Minas, in Minas Gerais and São José do Barreiro, Bananal and Areias, em São Paulo. Deployment Inventory Knowledge Rural Heritage, organized by Institute of Historical and Artistic Heritage (IPHAN) in 2007, having as object the removal of the coffee farms, this article discusses the rural provider of fruits and flowers in the immediate surroundings of the main house, but does not enter the merits of the crops themselves. The organization of these spaces shows how to construct the landscaping as part of the process of appropriation of land and introduction of new habits. In this context, has mainly orchards and gardens of the houses the headquarters of the ranch, with emphasis on the deployment within the nucleus of the farm. By studying them and getting to know the ways of use of rural land, the text points to the recognition and appreciation of heritage, habits and cultural heritage.

Keywords

Rural heritage, farms, orchards and gardens.

Apresentação

Em 2007, uma equipe do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – Carla Pacheco e Carla Rabelo, Flávia Brito e Eneida Ferraz – fez um

levantamento sumário das fazendas remanescentes as regiões do Vale do Paraíba paulista e do Sul de Minas. As observações feitas na ocasião não se restringiam somente às casas-sede das fazendas, mas também apontaram para a paisagem da região e o entorno das fazendas, assim como as técnicas construtivas das próprias sedes, para proporcionar uma melhor noção do conjunto.

Na região da Serra da Bocaina, ainda se encontram exemplares da arquitetura do período do café com as características originais. Ao contrário do Vale do Paraíba, no Sul de Minas o café recém chegado no início do século XIX encontrou fazendas já montadas e embasadas em outras atividades econômicas. Pequenas adaptações foram feitas para receber a nova cultura que até nossos dias continua a ser a atividade econômica predominante. A arquitetura, que perdurou durante todo o século XIX e entrou pelo XX afora, ainda está em parte preservada.

Pequenos jardins protegidos por muros ou cercas, ao lado de casas de fazenda são uma constante na região e traduzem o espírito da vida parcialmente isolada e auto-sustentável dessas propriedades rurais. Seja pelas dificuldades de acesso à cidade, seja pela disponibilidade de flores, ervas, verduras e frutas ao alcance da mão, os pomares e jardins, acabaram por caracterizar uma época e um modo de vida, hoje em fase de desaparecimento e substituição.

A organização espacial dos pomares e jardins aqui apresentada busca mostrar uma maneira de se construir o paisagismo, como parte do processo de colonização do território com a introdução de novos hábitos. Nesse contexto, apresenta principalmente os pomares e jardins das casas-sede da fazenda, com ênfase para a implantação dentro do núcleo da fazenda.

Pomares e jardins das fazendas de café

A expansão do cafeeiro fez surgir uma paisagem nova – a paisagem do café. Onde era mata virgem, apareceram as fazendas auto-suficientes, emoldurando o planalto, povoando as vastas extensões do sul mineiro e provocando o crescimento de muitas cidades. Multiplicaram-se as vias férreas, substituindo as trilhas onde predominavam as tropas de burros (o traçado sinuoso das estradas de ferro antigas iam praticamente no “rastro” do café (FILETTO e ALENCAR, 2001).

Além dessa paisagem a que se referem os autores, existe uma outra paisagem, em escala mais íntima, que diz respeito somente ao entorno da casa-sede das fazendas de café. São os pomares, hortas e jardins. Já na passagem dos séculos XIX para o XX, os jardins e os pomares faziam parte do planejamento de toda fazenda. O fenômeno não ocorreu apenas em casa de fazendas de café, mas em fazendas embasadas em economias outras, como a cana-de-açúcar. E não foi somente na região sudeste, mas também no nordeste, e em todo o Brasil.

[...] ao conjunto Arquitetônico formado pelo sistema casa grande-senzala associou-se um tratamento paisagístico definido pelo pomar, pelas plantas decorativas e tentativas de enobrecer a propriedade (OLIVEIRA apud DELPHIM, 2005, p. 13).

Segundo pudemos observar nas fazendas do sul de Minas, os jardins não são contemporâneos das casas. O piso cimentado ou atijolado e revestido de cimento, assim como seu uso nas platibandas dos canteiros, vem denunciar uma construção posterior, com técnicas e materiais diferentes dos da casa-sede, então de pau a pique vedando estrutura de madeira, sobre base de pedras, materiais obtidos no local em contraposição ao importado cimento.

Numa primeira fase, que compreende os séculos XVI, XVII e XVIII, não se pode falar de um jardim brasileiro tradicional, mas de uma paisagem artificial, visando a embelezar a vida privada, urbana e rural, apoiada no pomar – com frutíferas importadas, como mangueiras, abacateiros, sapotizeiros, limoeiros – e nas áreas para criação de aves e animais domésticos (Ana Rosa de Oliveira apud DELPHIM, 2005).

Esse período caracterizou-se como o de implantação dos jardins na cidade brasileira. Assim como o jardim chegou às cidades, foi concomitantemente levado para as fazendas. Lembremos que a relação fazenda-cidade sempre foi íntima, ou melhor, os fazendeiros mantinham uma casa na cidade, à qual dava-se o mesmo nome da fazenda de origem. Ainda hoje em Carmo de Minas [MG], há a “casa da Boa Vista”, a “casa dos Criminosos”, a “casa do Pouso Alegre”, metonímia que significa “a casa do pessoal da fazenda Pouso Alegre”. O mesmo tratamento dado à casa da cidade era dado à casa da fazenda. “A casa da Boa Vista da cidade, como é chamada, é a única casa urbana deste levantamento. Esta escolha se justifica pela comparação com a casa da fazenda homônima, construída pelo mesmo mestre e pertencente à mesma família (CRUZ, 2007, p. 241).

Jardins



Figura 1. Jardim simétrico e calçado de pedras entre a casa de morar e o terreiro de café. Senzala aos fundos. Fazenda Pau d'Alho, em São José do Barreiro [SP]. Palmeiras anunciam a casa da fazenda São Miguel, em São José do Barreiro [SP]. Fotos: Carla Pacheco.

Na maioria das fazendas o pequeno jardim de flores exóticas ou nativas, mas sempre plantadas pela dona de casa, ficava ao lado da entrada principal, da porta da sala ou o alpendre, em área cercada ou murada. Não só nas grandes propriedades, mas também nas pequenas casas de roceiros, essas cercas eram, ou são, necessárias para separá-los da vastidão dos campos, dos pastos, protegê-los do gado e de outros animais menores. Nas fazendas mais sofisticadas os jardins,

apesar do pequeno tamanho, eram inspirados no barroco francês, revivido pelo do ecletismo, com regularidade de caminhos, disposição geométrica e canteiros simétricos. Mas esta simetria era quebrada pela variedade das flores e sua falta de ortodoxia. Funcionava mais como um viveiro de mudas, onde a dona da casa plantava todas as mudas que ganhava de amigas e de vizinhas e até mesmo de viajantes. Caso famoso foi o da muda de café trazida em 1727 das Guianas para o Pará e doada ao sargento-mor Francisco de Mello Palheta pela esposa do governador. Ainda funciona assim até hoje, com menos intensidade, pela facilidade de se adquirir mudas em floriculturas e viveiros de cidades próximas às quais se tem acesso rápido pela facilidade de comunicação e transporte.

Mas é na segunda metade do século passado em diante que as áreas ajardinadas se multiplicam, crescem e passam a constituir um elemento ponderável no conjunto das edificações e dos espaços vazios da cidade brasileira (MARX, 1980, p. 58).

O cultivo de jardins se deu principalmente depois de instalado o Império e se intensificou em fins do século XIX e início do XX. “*Até o Império são poucos os registros de jardins no Brasil*” (MARX, 1980, p. 62). Quando o hábito de se construir jardins se expandiu, o cimento e o tijolo faziam sua estréia, ainda que tímida, nas fazendas do Sul de Minas e Vale do Paraíba em forma de muros, muretas, gigantes, balaustradas, pináculos, compoteiras, canteiros e os caminhos entre eles. Contraste evidente nas duas formas de construir: o pau-a-pique e o tijolo, a estrutura autônoma e a autoportante, como se verá nas descrições específicas de cada fazenda no decorrer do texto.

Se a arquitetura teve influências estrangeiras, “*o jardim tampouco nasceu aqui, foi trazido como se fazia lá fora e foi sendo transformado á medida que se formava uma sociedade nova*” (OLIVEIRA *apud* DELPHIM, 2005, p. 12). Dentre as espécies cultivadas, tanto dentro dos jardins como em outra forma de paisagismo, destaca-se a palmeira imperial (*Roystonea oleracea*). Introduzida por D. João VI no jardim Botânico do Rio de Janeiro, caiu no gosto dos fazendeiros de café. A palmeira imperial é um caso especial na relação com o café e suas fazendas produtoras. Marco vertical para localização da sede da fazenda, passa a impressão de poder e de imponência. Nas fazendas do Vale do Paraíba, que foram reformadas ou totalmente construídas para abrigar a agroindústria do café, as palmeiras imperiais marcam a presença e a adesão ou afinidade com o império, lembrando que estas fazendas funcionaram pelo curto período de uma geração em meados do século XIX. Exemplos fortes no vale são as fazendas São Miguel e Vargem Grande, onde as palmeiras são marcos verticais que as anunciam de longe. Nas palavras do arquiteto Murilo Marx:

[...] junto aos engenhos de açúcar e aos terreiros de café ou aos solares dos grandes exportadores nas cidades, como nos palácios das autoridades nacionais, a palmeira imperial trazida de outras terras, confere também aos jardins públicos daquela época um cunho especial e à paisagem brasileira um toque característico (MARX, 1980, p. 62).

Diferentemente das fazendas do Vale do Paraíba, nas do Sul de Minas não há palmeiras imperiais, exceto em casos isolados e recentes. Fazendo o mesmo papel, são usados os coqueiros *Syagrus romanzoffiana*, nativos da região, indicativo de

outra época e outra influência que não a direta da corte. Em quase todas as fazendas ou em casas de roceiros, nos cercados dos jardins ou livres perto da casa, as primaveras, (*Bougainvillea species*) quebram o verde da paisagem com seu colorido vibrante.

Pomares

[...] *De sua parte, os quintais das moradias eram voltados ao serviço e, como tal, não dispensaram as árvores frutíferas, as hortas, os viveiros e as flores. Não eram propriamente áreas de lazer e suas plantas não compunham o jardim no sentido contemporâneo, ou mesmo pós-renascentista* (MARX, 1980, p. 59).

Enquanto os jardins eram um mimo da senhora, os pomares ficavam por conta do dono da fazenda. A escolha do sítio obedecia a contingências físicas como provimento de água, o sentido dos ventos, a topografia do terreno e também a proximidade da casa-sede para os cuidados necessários e controle da coleta dos frutos, sempre em época certa do ano, na dependência do regime de chuvas, incidência de sol, frio e calor. Não se dominavam os meios de controlar a produção.

Além dos edifícios, as vegetações e os espaços vazios também configuram o conjunto do núcleo da fazenda. Os pomares e hortas são locados nas partes traseiras da casa e estão geralmente em posição mais baixa em relação a esta, servindo-se de algum curso d'água. Os jardins estão na parte fronteira da casa (CRUZ, 2007, p. 57).

O pomar de frutas variadas poderia se localizar no quadrado aos fundos da casa, às vezes cercado por muros de adobe – empregados somente com essa função no Sul de Minas. As mangueiras poderiam ficar esparsas em terreno aberto nos fundos e lados da casa. Apesar da grande variedade, jabuticabeiras e mangueiras eram as árvores frutíferas obrigatórias nas fazendas. Interessante observar que a primeira é nativa e a segunda exótica. O jabuticabal se localizava sempre junto a um riacho, para irrigação permanente, o que propiciava até mais de duas safras por ano. Contava com aproximadamente cem indivíduos e mais de meia dúzia de variedades, plantados em forma de tabuleiro, produzindo uma forte e agradável sombra no verão. Por este motivo, no solo não vingavam grama, capim ou mato. Ficava ele forrado por folhas secas ou, quando estas eram varridas para junto ao tronco das árvores, por terra batida. Ainda foram encontrados muitos jabuticabais remanescentes, principalmente na região de Carmo de Minas e Cristina [MG]. Às vezes, somente a presença do jabuticabal denuncia a existência de uma casa de fazenda do século XIX, caso da fazenda do Pinhal, em Cristina [MG].

Vale do Paraíba

Nos jardins das fazendas visitadas no Vale do Paraíba, podemos notar semelhanças no agenciamento e implantação. Fenômeno recente foi o aproveitamento dos terreiros de café para localização de uma outra espécie de jardim, já em finais do século XX: ou ele fica todo gramado podendo ser utilizado como campo de jogos, ou

plantam-se espécies vegetais das mais variadas, inclusive causando sombras indevidas. Em São José do Barreiro [SP] foi observado o seguinte quadro:

Na fazenda Pau d'Alho, o jardim de desenho de inescapável simetria situa-se entre a casa de morada e o terreiro, separado deste último por grade de ferro. Não se sabe de que lado ficava o jardim particular da fazenda São Miguel, mas certamente a marca da localização da fazenda fica muito forte devido às palmeiras imperiais que precedem a entrada. Como a casa se localiza após uma curva de estrada, o prenúncio grandioso da chegada feito pelas palmeiras, chega a causar uma certa emoção ao viajante.

Após atravessar a ponte de toras sobre o encachoeirado e cristalino rio Formoso, subir por caminho pavimentado de pedras, passar pelo portão de ferro, chega-se ao eixo central, pavimentado de pedras de mão, do jardim que precede a casa da fazenda Catadupa. Sendo de forte declividade o terreno onde se implanta a casa, o jardim é contido por muro de arrimo na frente e se desenvolve em patamares. Perfeitamente simétrico, assim como a fachada, acompanha o alinhamento das paredes laterais da casa. Está cercado por canos de ferro ligando pilaretes de alvenaria sobre os quais há pinhas de louça (ou cimento), à guisa de acabamento, outra técnica construtiva que não a da casa, de taipa de pilão e taipa de mão.

O pequeno jardim da fazenda da Barra situa-se ao lado da escadaria que conduz ao terraço, protegido por gradil de ferro trabalhado. Aí outrora havia um alpendre, cuja cobertura foi retirada, deixando desguarnecida a porta principal. Percebe-se claramente sua falta. Já o antigo terreiro de café foi totalmente gramado.

A fazenda Guanabara, mais nova que suas vizinhas, muda a técnica construtiva e os agenciamentos do espaço. Do lado direito da casa, com fonte azulejada de construção mais recente, canteiros com traçado simétrico, grades de ferro e muro nos fundos, de gosto colonial, o jardim principal fica no nível da casa, contido por muro de arrimo de grandes pedras. Em frente, com acesso ao porão, jardim com jabuticabeira ao centro. Ao lado esquerdo da casa, o gramado e a horta têm função mais reservada, íntima e utilitária. Encontraram-se ainda na fazenda, estruturas que certamente foram jardins planejados, símbolos da nova vida de lazer e contemplação. Uma delas, composta de quatro pares de pilares de pedras de cantaria, implantada a uma certa distância – aproximadamente 50 metros – da frente da casa, e outra ao lado e mais aos fundos. Ambas indícios da existência de caramanchão ou pergolado com função de descanso e fruição e não construções utilitárias ou de trabalho. Em planta os pilares de cantaria, com acabamento nas quatro faces, demarcam um retângulo. Medem aproximadamente três metros de altura e 60 x 60 cm de seção. Neles não há indício de incrustação de paredes ou muros.



Figura 2. Jardim alinhado às paredes laterais da casa (século XIX), fazenda Catadupa, em São José do Barreiro [SP]. Terreiro de café transformado em jardim em fins do século XX, fazenda São Francisco, em São José do Barreiro [SP]. Fotos: Carla Pacheco.

Ao nível do piso superior da casa e colado a ela, o jardim da fazenda São Francisco é contido por muro de arrimo, de alvenaria rebocada, sustentado externamente por três gigantes de um lado e outro aos fundos. Sobre cada uma das duas extremidades do jardim, pináculos arrematam os muros caiados de branco, conferindo um aspecto pomposo. A escadaria de acesso, partindo do terreiro de café, com piso de grandes lajes de pedras de cantaria e guarda-corpo de alvenaria caiada, reforça a impressão de grandiosidade. A calçada de grandes pedras, eixo de simetria do jardim leva à porta principal. Árvores longitudinais, de um lado um pinheiro de outro uma palmeira são marcos visuais. Nos fundos da casa apenas poucos degraus separam da porta da cozinha, o antigo quintal gramado, seguido por mangueiras. Entre quintal e jardim, em cota natural do terreno, impera uma jabuticabeira. Uma amendoeira projeta sombra no antigo terreiro de café, hoje gramado e isolado da calçada de grandes lajes de pedra por um renque de buxinhos. A impressão que se tem é de que não houve planejamento mais acurado na confecção deste jardim.

No município de Bananal [SP], enquanto ricas fazendas apresentam jardins e pomares com aspectos semelhantes, as casas novas, mais simples, ostentam roseiras na frente, marca de paisagismo rural regional. Entre o espaço gramado abaixo, onde teria sido o terreiro, e a casa da fazenda Palmeiras acima, erguem-se muros de arrimo, que vão acomodando cada elemento ao terreno. O quintal e o pomar da casa são murados e uma escada externa dá acesso ao porão. Da mesma maneira que a fazenda São Francisco, hoje o terreiro está contornado por palmeiras, que produzem bastante sombra, inclusive na casa.

Na fazenda São Francisco de Paula, o jardim do antigo sobrado já demolido na década de 1970, era alinhado às paredes laterais da casa, cercado por mureta com pilaretes onde se apoiavam as grades de ferro de barras verticais, e portão central ladeado por duas colunas mais altas. Juntamente com a senzala, o fechamento do jardim foi uma das poucas construções remanescentes da demolição da sede da fazenda. Em comum com a fazenda São Francisco, as grades e o arremate de ferro sobre o portão e com a fazenda Catadupa, a simetria e a localização exatamente em frente da casa. Apesar de não ter sido encontrado jardim na fazenda Luanda há, nas

imediações da casa árvores remanescentes da época em que havia senzala e casas de apoio à produção.

Assim como a casa da fazenda São Luís foi reformada e modificada em grande parte, o jardim também foi completamente refeito. Simetria, grandes espaços entre os canteiros fazem parte de um outro conceito de jardim voltado para a recreação, e não o da época do café no Vale do Paraíba paulista. Espécies novas foram introduzidas, mas conservou-se a tradição de plantar palmeiras – os coqueiros da região – mantendo a imponência e a importância da sede. Para completar o ambiente de lazer, construiu-se piscina e quadra de esportes em platôs gramados, em níveis abaixo da casa.

Ao transformar em pousada a casa da fazenda Coqueiro, o jardim parece ter sido muito modificado, com plantas ornamentais variadas distribuídas aleatoriamente pelo gramado. Em frente à casa e ao lado do alpendre restou, do antigo paisagismo, um tanque de cimento de forma circular, com repuxo. Aos fundos da casa, árvores frutíferas misturam-se às ornamentais. No paisagismo original da fazenda Boa Vista, a área em volta da casa e o grande espaço em frente era destituído de vegetação: somente palmeiras marcavam o caminho no eixo de simetria do conjunto. Introduzida mais recentemente, a vegetação de grande porte prejudica a visibilidade, assim como produz sombras nas paredes da casa. Aos fundos, no espaço formado pelo “U” da planta, há um jardim simétrico e tanque com repuxo no centro.

Na fazenda Três Barras, o chafariz do jardim e os azulejos do muro provavelmente não são originais. Assim como a casa, o jardim foi muito modificado, tornando-se difícil determinar a identificação e conseqüente filiação a alguma tendência ou estilo. Ao lado de chafarizes encontram-se ornamentos de jardim como Branca de Neve e os Sete Anões, na versão de Walt Disney. Sobre arrimo de pedras sem revestimento, o atual jardim da fazenda Casa Grande ocupa o lugar do antigo terreiro de café. Reduz-se a simples gramado, com poucas árvores, como o flamejante flamboyant (*Delonix regia*), onde uma roda de carro de bois tornou-se peça da singela decoração.

O bosque de grandes árvores projeta sombra na frente do sobrado da fazenda Bom Retiro, mas nos fundos da casa, o gramado torna o espaço ensolarado. Vegetação baixa junto à casa, na bordadura dos canteiros, introduz espécies recentes no paisagismo brasileiro, como o “pingo de ouro” (*Duranta repens*). Ao redor da casa da fazenda Bela Vista, um gramado, palmeiras esparsas (jerivás) e um exemplar de pau ferro (*Caesalpineia férrea*) não prejudicam a insolação. O jardim da frente, mais antigo, foi planejado com influências diversas: francesa, devido à simetria dos canteiros e caminhos, vasos de cimento encimando as colunas, uso de fontes e repuxos. De influência inglesa, há indícios de uso cimento no pitoresco das grutas de pedra e fontes. Após esse jardim outrora se localizava o terreiro de café, em terreno plano. No adro da capela, aos fundos, outro jardim com fonte de pedra e cimento.



Figura 3. A água faz parte do paisagismo tanto no começo – fazenda Bela Vista, em Bananal [SP] – como no fim do século XX – fazenda Vargem Grande, em Areias [SP] – com jardins de Burle Marx. Fotos: Carla Pacheco.

Em Areias [SP] a fazenda Vargem Grande chama a atenção pelo inusitado. O paisagista Roberto Burle Marx, amigo dos proprietários, em suas estadas na fazenda, idealizou um jardim aproveitando toda a infraestrutura de café existente, inclusive e principalmente, a água corrente do lavador de café para fazer as cascatas e espelhos d'água. É um paraíso construído em meio à vegetação nativa da região. Como a sede da fazenda passou a ter função de descanso, repouso e recreação, o terreiro de café também não teve função econômica, mas tão somente de fruição. De patamares devido à declividade do terreno, recebeu tratamento paisagístico: foram mantidas as escadas de comunicação entre os níveis e acrescentados novos arrimos de pedras em complementação aos antigos. Muros de taipa de pilão, telhas e armazéns (senzalas, como nos informaram), descobertos tornaram-se caramanchões. Mós empilhadas transformaram-se em escultura, como totens de aspecto asteca. Os proprietários atuais, pela ligação afetiva com o paisagista, preservam e conservam esse patrimônio artístico.

Sul de Minas

No município de Conceição dos Ouros [MG], três fazendas se destacam. Na fazenda Cachoeira, não foi localizado o jardim original e o paisagismo existente é de gosto recente, com grande variedade de espécies de plantas e de disposição. Na varanda acoplada à casa o ajardinamento é completado por vasos de samambaias e coqueirinhos. Árvores de grande porte, coqueiros e guaimbês (*Philodendron bipinnatifidum*) se distribuem pelo gramado em frente à casa. O traçado é dado pelo caminho entre a estrada e a casa, onde piscina e abrigo para automóveis denotam a pouca idade do agenciamento, contudo o jabuticabal foi preservado na lateral da casa, local reservado das vistas do visitante.

Ao longe, pode-se distinguir a sede da fazenda Chapada, pelo colorido da vegetação em volta. Um muro de grandes pedras e contemporâneo à casa, fecha o quadrado dos fundos e abraça o pomar (ou jardim) da frente, com uma larga faixa do piso pavimentada de grandes lajes de pedra. Sombreado por alguns eucaliptos, o pomar é um oásis em meio a grande extensão de pastagem, seca nesta época do ano. Aos fundos da casa e fora do quadrado, outro pomar completa a ambientação sem prejudicar o sol da morada, diferentemente do que ocorre nas fazendas no Vale do Paraíba. Na nova sede da fazenda Chapada, Monte Belo, o paisagismo recente alia

um comprido lago a palmeiras e paineiras em linhas paralelas. O espaço aberto em frente à casa foi respeitado em sua nudez de calçamento de pedras, deixando as árvores do lado de fora. Entre os dois corpos da casa, um pequeno jardim (ou pomar), com pés de romã.

Ao lado da rodovia asfaltada localizam-se duas imponentes fazendas do município de Santa Rita do Sapucaí [MG]: na fazenda São José, coqueiros tornam a paisagem monumental e imponente no jardim cercado por muro de alvenaria e portão de chapa maciça, que impede a visão do interior. O terreiro de café localiza-se em outro quadrado, também murado.

A fazenda Santa Helena (Figura 4) é mais afastada da estrada e o terreiro em frente lhe propicia melhor visibilidade. Ao lado da casa não falta a jabuticabeira. O acesso principal, pela escada que conduz ao alpendre lateral, passa pelo jardim do período do ecletismo, com tendências do barroco francês – guardadas as devidas proporções – e do pitoresco inglês: pequenos canteiros simétricos, repuxo de água ao centro e gruta de pedra para a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Mas quem apareceu numa gruta para Bernadete foi Nossa Senhora de Lourdes. Licença poética. O “pingo de ouro”, atualmente substitui o original “buxinho” (*Buxus sempervirens*) nas bordaduras do canteiro, devido à facilidade de troca e rapidez de crescimento, o que não ocorre com seu antecessor, de crescimento muito lento. Assim os canteiros têm a tonalidade prejudicada: o buxinho é verde escuro e seu substituto verde amarelado.

Em Itajubá [MG] não foram encontradas grandes fazendas de café do século XIX, mas fazendas de casas mais recentes como a Capituba onde o pomar fica aos fundos da casa, no lado oposto à entrada. Interessante casa de fazenda de arquitetura do período ferroviário foi encontrada em Piranguçu [MG]. Ao longo de caminho de chão, a fazenda Santa Thereza (Figura 4) marca sua presença de longe devido à grande área contornada por muros brancos sobre arrimos escorados por gigantes. A entrada de acesso ao grande pátio gramado é feita por pórticos com colunas coroadas por buganvília vermelha. Nela pode-se observar com clareza o agenciamento da paisagem construída, onde as áreas planas – terreiros, currais ou pátios – se localizam na frente, sem obstruir a visibilidade da casa. Em plena zona rural, o pequeno jardim feito nos moldes de jardins de influência francesa, possui canteiros simétricos e tanque circular com repuxo central. Complementado a moldura visual atrás da casa, em cota mais alta, implanta-se o pomar, com árvores frondosas. De localização oposta ao quadrado do pátio tem fechamento apenas por cerca de taquara. Assim também as funções do espaço externo complementam as do interno, com as árvores frutíferas perto da cozinha.

O município de Delfim Moreira [MG] guarda exemplares conservados de fazendas de pau a pique. Talvez por ser mais modesta que as outras fazendas visitadas, na fazenda Barreiro não foram encontrados canteiros de flores, mas aos fundos da casa não faltou o pomar de fruteiras variadas. A sede da fazenda Água Limpa (Figura 4), é uma casa de características rurais, com curral ao lado, capim quicuia na frente, assim como em toda a vargem do riacho. O jardim, ao lado da casa, destaca-se na paisagem graças ao cercamento de balaústres de cimento industrializados caídos

de branco. Dentro dele, flores especiais, nativas ou exóticas, são cultivadas pela dona da casa.



Figura 4. Jardins implantados na lateral da entrada da casa e delimitados por muros de tijolos ou artefatos de cimento. A mata localiza-se sempre atrás da casa. Fazendas Santa Helena, em Santa Rita do Sapucaí [MG]; Santa Thereza, em Piranguçu [MG], e Água Limpa, em Delfim Moreira [MG]. Croquis da autora.

A parreira que contorna toda a casa que um dia foi estação de linha de trem, Estação Biguá, dá um aspecto de paisagem mediterrânea, dependurando suas ramas sob o telhado da plataforma e acima das janelas. A impressão ainda é mais forte graças às cores azul e branco. A intenção parece ser mais ornamental do que de produção, paisagismo este encontrado em várias casas dessa época na região. Uma cerca de bambus verticais complementa a harmonia.

Em grande altitude, onde vicejam muitas araucárias e eucaliptos e os rios são limpiíssimos, um bonito cenário entre buganvílias, jabuticabeiras e cabritos, caminho em curva vencendo o desnível suavemente, se alteia a sede da fazenda Villa Maria. Por seu colorido exuberante, a buganvília é muito usada na região, como contraste para o excesso de verdes e azuis. As jabuticabeiras e uma mangueira, de grande porte, ficam ao lado da casa. Construção do começo do século XX, do tipo chalé, tem três janelas frontais com floreiras abaixo do parapeito.

A fazenda Primavera está localizada em aclive em relação à estrada. A casa tem na frente um pátio cercado por balaústres de tijolo, onde pode ter sido o jardim, mas que atualmente encontra-se sem vegetação alguma. Na casa da fazenda da Barra (Figura 5), que já foi entreposto comercial, as três portas do armazém abrem-se para uma área pavimentada de grandes lajes de pedras, espaço ajardinado com espadas de são jorge, guaimbê, costela de adão, coroa de cristo e pequenos arbustos. No pavimento da moradia, a entrada nobre se faz após atravessar um belo jardim sobre arrimo, com canteiros simétricos e cercado por muro baixo de alvenaria. No eixo de simetria do jardim fica o caminho que conduz à sala de visitas. A vegetação é feita de espécies novas no paisagismo brasileiro, exceção feita aos buxinhos e às roseiras.

No município de Maria da Fé [MG], uma fazenda e um bairro representam duas maneiras de se fazer paisagismo. Situado em frente da casa, cercado por pilaretes

de tijolo e balaustrada de cimento, em vez de flores ostenta jabuticabeiras, o jardim fazenda Monte Alegre (Figura 5) é voltado para o nascente. Os canteiros são simétricos e em patamares, com caminho central que conduz à entrada da casa. Como em outras fazendas da região, as jabuticabeiras do jardim têm também propósito ornamental, apesar de haver centenas delas no pomar. A poda drástica que receberam desfiguram sua arquitetura. Em nível mais alto, correspondente à área de habitação, há outro jardim sustentado por muro de arrimo, cujas buganvílias vermelhas (*Bougainvillea species*) dão um forte colorido pontual na fazenda, quebrando a pobreza cromática do azul e branco que a casa adquiriu na década de 1970. Espalhadas ou em renques pela fazenda, hortênsias (*Hydrangea heteromalla*) vão muito bem em grandes altitudes e climas frios.

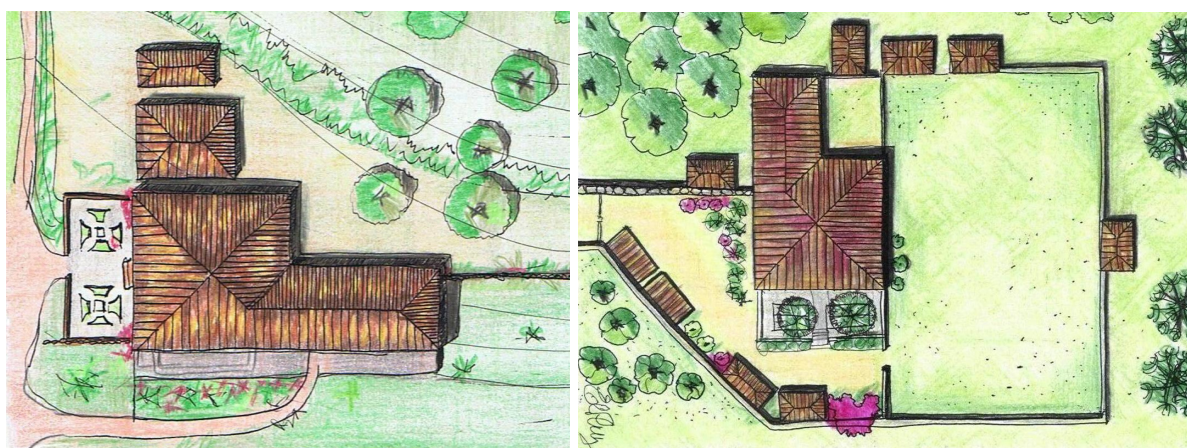


Figura 5. O jardim de canteiros de formas simétricas acompanha o alinhamento da fachada principal da casa. Fazenda da Barra, em Delfim Moreira [MG], e fazenda Monte Alegre, em Maria da Fé [MG]. A vegetação mais densa localiza-se aos fundos e em cota mais alta. Croquis da autora.

Em muitas das casas no bairro dos Pintos – Maria da Fé [MG], há pomares de jabuticabeiras. A parreira comparece como ornamentação nas fachadas. Algo encantador, facilmente reconhecível, mas pouco registrado, visto com muita frequência por esses bairros rurais, são os jardins caipiras, com dalias, cravos, açucenas, tudo misturado e cercado por bambus, verticais ou horizontais, ou réguas. É um paisagismo roceiro, de sitiante. Pode ser que tenha origem no costume português de sempre ter horta e jardim plantados ao lado da casa. É interessante pensar que toda dona de casa rural (ou ex-rural) tem uma variedade imensa de plantas que vai trocando mudas com vizinhas, visitas e comadres. Parece que está nas mãos das mulheres não deixar perder a raça das plantas. Um compromisso com a perpetuação das espécies outras. Hábito muito forte, mas em vias de extinção, somente o cultivam as mulheres de origem rural, que já viveram na roça.

Tendo sido Dom Viçoso distrito de Carmo de Minas [MG], suas fazendas apresentam características semelhantes. A buganvília, ou primavera, como sempre ao lado da casa, na fazenda Pimentas empresta seu colorido à paisagem. Não há pomar formado de jabuticabeiras, mas somente exemplares isolados. Apesar de a casa da fazenda Canducho ser do século XX, no local havia outra, então com o jabuticabal situado um pouco distante da casa, em cota mais alta. Antecedendo a sala de visitas, um alpendre de colunas de ferro ainda apresenta os lambrequins originais que enfeitam a casa da fazenda Rosário. Contribuição característica do

século XX, o jardim lateral é cercado por mureta de elemento vazado de cimento, com canteiros simétricos formando desenhos geométricos, para cultivo de flores especialmente plantadas pela dona da casa. Diferente de outras fazendas da região, o jabuticabal desta fazenda, com uma centena de pés de múltiplas variedades, fica mais afastado da casa. Explica-se por ser mais importante que seja banhado por um córrego do que se localizar próximo à morada.

No município de Carmo de Minas [MG] ainda é possível encontrar fazendas com pomares, mas os jardins de características históricas, vão ficando mais raros, sem falar da horta caseira, que hoje em dia não compensa economicamente. A casa e o núcleo da Granja Otaviano foi projetada já no século XX, juntamente com o jardim para cujo desenvolvimento foi contratado o mestre Chico Cascadeiro, escultor minhoto, autor de pitoresco quiosque mirante sobre pedras naturais afloradas no local, inspirado no trabalho do paisagista Auguste François Maria Glaziou para o Passeio Público do Rio de Janeiro. Os parapeitos e guarda-corpos são de cimento imitando troncos de árvores. O lago com salgueiros nas margens reflete a casa e compõe a paisagem de flores do campo, afloramentos rochosos e mirante aos fundos. As jabuticabeiras ficam ao lado da casa.

Em frente ao corpo principal da casa sede da fazenda Boa Vista, o alpendre, com cobertura independente, sustentada por colunas de ferro, tem na parede, datadas de maio de 1942, pinturas feitas pelo pintor Antônio José Ribeiro de Carvalho, representando paisagens bucólicas locais, denunciada pela presença de araucárias. Antecedendo o alpendre está o jardim de canteiros de platibandas de cimento, um pequeno tanque de forma circular, com repuxo ao centro e um pé de jabuticaba cujo tronco, *sui generis*, forma uma circunferência. A escada de outro lado, em quarto de círculo, faz parte do traçado do jardim. Atrás do terreiro de café e do paiol, por onde corre o ribeiro, pode-se notar a massa verde escura do jabuticabal, contrastando com os pastos e o cafezal.

O jardim, em toda a frente e ao lado da entrada nobre da casa da fazenda do Engenho continua nas floreiras que ladeiam a escada e guarnecem o parapeito das janelas. São de implantação recente, acompanhado a reforma da casa, por isso as espécies novas no paisagismo que dão um ar urbano à casa. Atrás do jardim um jabuticabal. Nos arredores da casa-sede ainda se vêem muros de adobe. Presença obrigatória, outro jabuticabal fica logo atrás do muro.

O jardim “oficial” do rancho São Gabriel é cercado por mureta de tijolos, mas as plantas ornamentais acompanham o caminho da chegada. Atrás, o pomar emoldura a casa sede. Na fazenda Palmital, restam vestígios de um pequeno jardim destruído com a demolição da casa, antecedendo o alpendre da entrada, com canteiros em forma de estrelas e outras figuras geométricas. Mesmo sem a casa, a presença das jabuticabeiras denuncia ter havido aí uma fazenda nos moldes de outras da região. Primaveras ao fundo do terreiro de café e em frente ao pomar colorem a paisagem. Um jardim bem cuidado, alinhado à casa, precede o alpendre e derrama a primavera para fora do cercado de réguas horizontais da fazenda Coqueiro. Dois coqueiros buritis fazem o marco vertical que localiza a fazenda na paisagem. O caminho até a casa, com canteiros de traçado geométrico, é ladeado por arbustos de pequeno porte. Em área plana ao lado da casa, o pomar de jabuticabeiras foi erradicado por

motivo alegado de doença das árvores. Ao lado dessa, a fazenda Palmeiras deve sua denominação às palmeiras reais do jardim da frente, separado da imensidão das montanhas por muro de tijolos, como se estivesse em lote urbano.

Os jardins descritos no texto de Junqueira (2004) se referem à terceira casa da fazenda das Três Barras (Figura 6) construída em 1865 e demolida juntamente com os jardins em 1968.

Em frente a casa que tinha forma da letra ele, ficavam dois magníficos jardins. Saindo por espaçoso alpendre ornado por roseiras e parreiras, descia-se à direita por uns degraus de pedra, chegando no que se convencionou chamar de “jardim velho”. Possuía este muitos canteiros floridos, entremeados por pequenas alamedas. Em seu centro ficava um repuxo circular com seus peixes coloridos. Os mais antigos garantiam ter sido este, nos áureos tempos, um magnífico jardim. Continuando pelo alpendre e em linha reta, passando sob um caramanchão de madeira, atingia-se trabalhado portão de ferro que até hoje conservamos em uso. À esquerda desta e cercado por bonito muro de tijolos, cheio de pequenos torreões arredondados, ficava o denominado “jardim novo”. Eram inúmeros canteiros de vários formatos, cheios de rosas, hortênsias, cravos e jasmims, orquídeas, amores perfeitos, bocas de leão, palmas e flores de maio, margaridas, copos de leite e muitas outras flores mais. Logo à entrada deste jardim ficava outro repuxo, igual ao primeiro (JUNQUEIRA, 2004).

Hoje há, junto à casa nova, modernista, um ajardinamento cujos canteiros derivam dos caminhos, ficam nos intervalos entre eles e não têm o cuidado nem a importância daqueles. Poucas plantas ornamentais enfeitam os canteiros onde predomina o gramado. Com a derrubada da casa em 1968, o terreiro de café e o jabuticabal em forma de ferradura foram as peças de resistência, que garantiram a permanência da implantação do núcleo da fazenda.

O grande pomar em forma de ferradura circundava o paiol, terreiros, garagem, tulhas e galinheiros próximos à casa. Iniciado à esquerda da mesma por Gabriel Ribeiro Junqueira, teve continuidade em frente e a direita por seu filho “Tenente”. Era um belíssimo pomar formado por quase uma centena e meia de enormes jabuticabeiras das mais variadas qualidades. Conheci muito as preta, as sabarás, as coroadas, caboclas e caboclinhas, pezinho, caroço-vinagrado e outras ainda. Sempre no início da primavera, um grande lençol branco de flores recobria todo o jabuticabal, levando a grande distância um aroma doce e ao mesmo tempo inebriante, com isso atraindo enormes enxames de abelha, em busca do néctar das pequenas flores. Em grande quantidade as laranjas serra d’água, campista, parnásia, baiana, seleta, lisa e sangue destacavam-se das demais. Os pessegueiros salta-caroço branco e amarelo, as chicuteiras, as macieiras e pereiras, os araçazeiros, goiabeiras, limeiras e limoeiros entrelaçavam-se com os caquizeiros, nespereiras, mangueiras e abacateiros, marmeleiros e castanheiras. Existiam ainda cambucás, mamoeiros, parreiras e maracujazeiros, amoreiras mexeriqueiras e várias frutas silvestres (JUNQUEIRA, 2004, p. 103).

Das espécies citadas por Junqueira (2004), muitas não existem mais. Perde-se com isso a memória gustativa e olfativa. O patrimônio genético, desenvolvido e preservado a duras penas durante os séculos XIX e XX, corre o risco de extinção.

O jardim de plantas baixas não obstrui a visibilidade da casa da fazenda Pouso Alegre (Figura 6). Cercado por muretas e pilaretes de tijolo, em contraste com os materiais de construção da casa, estende-se mais um pouco pelo lado de baixo,

fugindo do alinhamento da casa. Este espaço fronteiro é representativo do respeito e distanciamento devido aos moradores: a casa não pode se abrir diretamente para o curral ou pasto. Consiste em barreira mais simbólica do que física e o espaço pertence aos moradores da casa. Com vista para a Estação Ribeiro, a primavera se derrama sobre muro de pedra.

A casa antiga, cujos alicerces de pedra formam hoje um muro que separa o curral do pomar de jabuticabeiras, tinha, de frente sessenta e nove metros e de lado dezoito metros (JUNQUEIRA, 2004, p. 31).

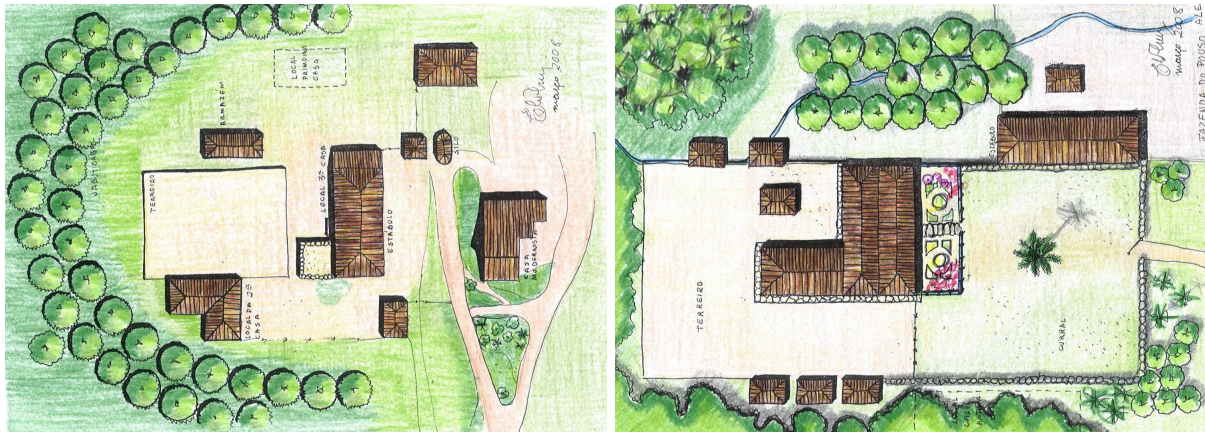


Figura 6. Pomar de jabuticabeiras em forma de ferradura na fazenda das Três Barras, em Carmo de Minas [MG] e ao longo do ribeiro na fazenda do Pouso Alegre, também em Carmo de Minas [MG]. Croquis da autora.

A casa que aí se ergueu não é a primeira sede da fazenda, apesar de ser de fins do século XIX. A anterior a esta ficava à sua direita, em cota mais elevada, onde hoje fica o jabuticabal sobre o arrimo de pedras. Aos fundos e de lado da casa, corre um riacho, depois de passar pelo terreiro de terra batida. Mais além, bosque de plantas nativas. Distribuídas pela fazenda, encontram-se ainda muitas outras variedades de árvores frutíferas. Ao lado da casa da fazenda da Divisa, precedendo a entrada, fica o jabuticabal, com exemplares de grande porte que, apesar de antigas, estão em plena produção.

Outro celeiro de fazendas semelhantes às de Carmo de Minas localiza-se em Cristina [MG]. Seus pomares já perderam grande parte das espécies, talvez para sempre. Na fazenda Boa Vista, o jardim ficava ao lado da casa, entre a entrada principal e a capelinha. Tanto a casa sede, transformada em hotel-fazenda, como a ambientação do núcleo, foi bastante descaracterizada devido à mudança de função. O atual agenciamento paisagístico se estende por outras áreas do núcleo da fazenda. Um antigo e pequeno jabuticabal, junto à porta da cozinha, ao alcance da mão, foi um dos elementos preservados da fazenda original. A planta em “L” da fazenda Graminha no encontro dos dois corpos abriga um alpendre e, logo abaixo, um pequeno jardim murado, para as flores preferidas dona da casa. Árvores de grande porte dão sombra ao caminho de acesso à casa.

A fazenda Água Limpa é provavelmente a mais antiga das visitadas. Mas seu jardim parece ser de época mais recente. Para acesso à porta principal há uma escadaria de pedras, contemporânea à casa, que parte da larga calçada de lajes, da fachada nobre. Dos lados da escada foi construído um jardim de canteiros simétricos e

tanque com um repuxo ao centro. Cercado por balaustrada de artefatos de cimento, tem a fechá-lo um portãozinho de ferro. Fora do jardim, em meio ao gramado, uma árvore de grande porte tem o tronco contornado por “pingo de ouro”. Espalhados pelo gramado, pequenos canteiros contidos por pedras de mão, exibem plantas de sabor modernista, como a agave e a “costela de adão”. A “coroa de cristo” protege a fachada lateral esquerda da casa, sem muito critério paisagístico. Original mesmo do planejamento da fazenda, apenas o muro de pedras que contorna o núcleo da fazenda e abraça o jabuticabal na fachada direita.

No bairro rural Vista Alegre, em Cristina [MG], as fazendas foram descaracterizadas. O arrimo de pedra e o jabuticabal foram o que restou da antiga sede do século XIX da fazenda do Pinhal. Aí o gramado é ralo devido ao sombreamento. A manutenção consiste na varrição após a queda dos frutos. Antecedendo a porta principal da casa da fazenda da Pedra de Baixo em frente ao alpendre, um jardim murado por tijolos, que, além das flores, inclui jabuticabeiras. O entorno foi conservado com a maior parte das jabuticabeiras no quintal, aos fundos. O antigo jardim, assim como a casa-sede da fazenda Transval, foi completamente modificado. Em frente à casa, até a década de 1970 o pomar de marmelos, que na florada enfeitava a paisagem com suas delicadas flores, foi substituído por um lago com pedalinho em forma de cisne.

O jardim da fazenda Três Pinheiros situa-se sobre muro de arrimo de pedras ao lado de um alpendre cercado por ripas de madeira, assim como o pequeno jardim do sítio Santa Luzia. Nos fundos desta, um canteiro, de agenciamento recente, contorna e proporciona afastamento da casa. No entorno, entre poucas árvores, destacam-se algumas jabuticabeiras e mangueiras.

Considerações

A organização espacial dos pomares e jardins aqui apresentada busca mostrar uma maneira de se construir a paisagem, como parte do processo de colonização do território com a introdução de novos hábitos. Como elementos comuns entre as propriedades rurais visitadas, encontramos na esmagadora maioria, pomares de jabuticaba remanescentes, mangueiras esparsas pelo núcleo e pequenos jardins de flores murados e de traçado geométrico. Tais características comprovam a existência de uma cultura própria das duas regiões onde o café foi a atividade econômica predominante.

Tão importante quanto as edificações das casas são os espaços reservados aos jardins, hortas e pomares do entorno. Parte integrante do planejamento da fazenda, esses espaços são indissolúveis da casa, que se esvazia de significado sem tais complementos externos. Quando se planejava a fazenda, não se pensava somente em um teto, mas em todas as necessidades da vida que aí iria se desenrolar. A criação de jardins e o constante cuidado com as plantas, mesclando espécies nativas com as trazidas de outras plagas, tal e qual aconteceu com nossa cultura, forma o conjunto de conhecimentos e costumes que se desenvolveram *pari passu* à nova sociedade.

Ao estudar esses jardins e pomares e procurar conhecer os modos de uso do espaço de fruição estética do habitante rural, o texto aponta para o reconhecimento e valorização do patrimônio, dos hábitos e herança cultural, como subsídio para um planejamento e contribuição para reforço da identidade dos habitantes, com possíveis e desejáveis desdobramentos no campo educativo e econômico.

Referências

- BENINCASA, Vladimir. **Fazendas Paulistas**. Arquitetura Rural no Ciclo do Cafeeiro. Tese apresentada ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. São Carlos [SP], 2007.
- BRAGHIROLI B, Ângelo Carlos Silveira. **Paisagens do Sul**. Pareceres de Carlos Fernando Moura Delphim sobre bens patrimoniais do Rio Grande do Sul. Porto Alegre [RS]: Instituto Estadual do Livro: IPHAN : IPHAE, 2009.
- CJ Arquitetura, nº 19. Ano 1978. FC Editora. Rio de Janeiro [RJ].
- CRUZ, Cícero Ferraz. **Fazendas do Sul de Minas Gerais**: Arquitetura Rural nos séculos XVIII e XIX. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. São Carlos [SP], 2008.
- DELPIM, Carlos Fernando Moura. **Manual de Intervenção em Jardins Históricos**. Brasília [DF]: IPHAN, 2005.
- FERRAZ, Marcelo Carvalho. **Arquitetura Rural na Serra da Mantiqueira**. São Paulo [SP]: Quadrante, 1992.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2ª Edição. Rio de Janeiro [RJ]: Editora Nova Fronteira, 1986.
- FILETTO, Ferdinando e ALENCAR, Edgard. Introdução e expansão do café na região Sul de Minas Gerais. In: Organizações Rurais e Agroindustriais. **Revista de Administração da Ufla**. v.3, n.1, jan./jun., 2001.
- IPHAN. **Relatório de Atividades 2007**. Inventário de Conhecimento. Patrimônio Rural – Vale do Paraíba e Sul de Minas, 9ª Superintendência Regional, 13ª Superintendência Regional e Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização.
- JUNQUEIRA, Walter Ribeiro. **Fazendas e Famílias Sul-mineiras**. São Lourenço [MG]: Gráfica e Editora Novo Mundo, 2004.
- LEMONS, Carlos A. C. **Casa Paulista**: história das moradas anteriores ao ecletismo trazido pelo café. São Paulo [SP]: Edusp, 1999.
- MARX, Murilo. **Cidade brasileira**. São Paulo [SP]: Edusp, Editora da Universidade de São Paulo: Editora Melhoramentos, 1980.
- TAUNAY, Carlos Augusto. **Manual do Agricultor Brasileiro**. Organização Rafael de Bivar Marquese. São Paulo [SP]: Companhia das Letras, 2001.